

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 45 - 24 DE AGOSTO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS - PREÇO 1\$00



GLORIA
STUART

Este número: Hollywood - cidade das miragens

Buck, sucessor de Rin-Tin-Tin

LEMBRAM-SE do célebre Rin-Tin-Tin, aquele cão fiel e dedicado que vimos em filmes de emoção e amor geralmente passados nas neves sem fim da América do Norte? Raro era o espectador que se não movia com a actuação do simpático bicho, com a defesa que elle fazia do fraco contra o forte, sempre álegra pela justiça contra a injustiça.

Parece-me estar ainda a ver o rosto transido dos «bandidos» ao «surgir-lhes Rin-Tin-Tin, frenético e imponente na defesa do seu dono. Era um quadro digno do pincel de um mestre: Rin-Tin-Tin diante, mostrando uns dentes respeitáveis, vigorosamente apoiado nas patas traseiras, como que a formar o salto definitivo que tudo esmagaria.

Do lado oposto, os «bandidos», revólveres assustados, com expressão a um tempo feroz e horrorizada, anequando varar a bala o destemido cão. Por momentos, a cena como que parava. Os adversários contemplavam-se. Havia luta, mas Rin-Tin-Tin dominava-os até que um auxilio inesperado, geralmente encarnado no dono, punha os «bandidos» fora de combate. Era assim o Rin-Tin-Tin de aqui há anos...

Depois, Rin-Tin-Tin desapareceu. Não sei se está vivo ou morto. Para a teta sei que morreu. Ignoro, porém, se disfruta hoje uma bela casa (de cão, já se vê) os fartos ganhos que deveria ter proporcionado aos que o exploraram no cinema.

Evidentemente que a desapareição de Rin-Tin-Tin não pôs ponto final à exhibição de cães, corajosos e valentes, prontos a dar a vida pela do amo. Já Darril Zanuck, nos apresentou, aqui há tempo, um esplêndido filme no qual se destacava, em papel de relêvo, um novo êmullo de Rin-Tin-Tin: Buck.

Buck é um S. Bernardo que desperta logo, no espectador, forte desejo de possuir igual, já que não pode ser o próprio. Sobreludo, as meninas deliram. Dá-se como que uma manifestação colectiva de simpatia que se traduz em murmúrios de admiração, de pavor ou de alívio, conforme Buck livra a gentil protagonista duma cilada do inimigo, está em peigo ou consegue escapar da mais letíval cilada, como seja um bôlo envenenado ou uma armadilha para lobos.

Há ainda em Hollywood outro cão

prodigioso: o Prince. Mas, evidentemente, sem a áurea de Buck. Carl Spitz, conhecido criador e treinador de cães que exerce a sua actividade na Ciné-áudia, dizia, há meses, numa revista canina, que o segredo do tratamento dos cães reside em os donos se convençerem que aqueles bichos não necessitam para se cuidar da ajuda do homem.

Por exemplo, — afirma — não é conveniente banhar os cães muitas vezes. Uma em cada dois meses é suficiente. Os banhos repetidos estraga-lhes o pêlo e é muito mais aconselhável escová-los ou penteá-los duas vezes por semana.

Fazê-los correr atrás do automóvel (quando o dono o possui) também é pernicioso. Atrai-lhes o coração abaixo, o que pode ser fatal. Acariciar-lhes as orelhas é outro erro, pois o seu aparelho auditivo é muito sensível e prejudica-se com a fricção.

Também se não deve nem acordá-los com ruídos fortes nem segurá-los pelo cachaço. Qualquer destas práticas acarretará graves distúrbios para o sistema nervoso do animal.

Como se vê, Hollywood não é fértil em preciosos exemplares caninos como é maurloridades na matéria. Consta que Buck está a filmar, para a Fox, «The Country Beyond», e Prince «Private Numbers».

Aguardemos estas produções para mais uma vez apreciarmos da sua intelligência e do seu poder artístico, pois, ao final, também o têm quasi tão agudo como «os que latam»...

OPERADOR N.º 13



Dolores Costello, uma beleza castiça, que veremos em «Barbary Coast»

Um importante acôrdo entre a Gaumont-British, a 20 th Century-Fox e a Metro-Goldwyn-Mayer

Há muito tempo que na Imprensa corporativa se aludia, em linhas gerais, o um acôrdo assinado entre os irmãos Schenck, representando, respectivamente, o M. G. M. e o 20th Century-Fox, e Isidore Oster, representante da Gaumont British.

Esta noticia causou, como era natural, uma enorme sensação, sobretudo nos meios cinematográficos ingleses.

No Parlamento, fizeram-se vários inter-peloções, e os deputados perguntaram qual seria o attitude do Governo britânico perante o facto das americanas empolmorem o maior organização cinematográfica britânica.

O Governo respondeu que todos os medidos úteis seriam tomados para proteger, eficazmente, o cinema inglês.

Nos meios bem informados, supõe-se que este acôrdo, tal como foi anunciado — se traduziria, sobretudo, num aumento do quota de filmes estrangeiros importados.

Isidore Oster quando chegou aos Estados Unidos foi impiedosamente interrogado pelos jornalistas.

Das suas respostas deduz-se, o que confirma certos suposições, que o acôrdo em nada afectará a constituição e o actividade da Gaumont British, no Inglaterra. Pelo contrário, os filmes ingleses do M. G. M. e do 20th Century serão produzidos pelo G. B., que verá desta forma elevar-se o número de filmes realizados por ano, de 35 ou 40.

No estrangeiro, os filmes da Gaumont British passarão a ser distribuídos pelo Metro-Goldwyn-Mayer e pelo 20th Century Fox.

Filmes biográficos

A Warner vai realizar A vida de Allan Pinkerton, que focará a vida do célebre detective americano, que foi guarda-costas do Presidente Abraham Lincoln.

Para a mesma casa produtora, Max Reinhardt dirigirá Danton, Terror da França, com Paul Muni, no protagonista.

O escritor francês Roman Rolland, autor de 14 de Julho, é o autor do argumento.

Mickey, vice-presidente dos Estados Unidos?

Mickey Mouse foi proposto já para candidato a vice-presidente dos Estados Unidos. Senão oficialmente, pelo menos publicamente.

Ernest L. Meyer, editor politico dum famoso diário de Nova-York, fez recentemente tal proposta, numa carta aberta dirigida ao partido republicano.

Alegava que Mickey poderia levantar, só por si, o cargo de vice-presidente «da obscuridade que há muitos anos o envolve». Meyer acrescentou que seria uma astuta manobra politica e que Mickey resultaria altamente popular entre os eleitores.

«Em Mickey teriam um vice-presidente para altos-vôos — prossegue Meyer, na sua carta — e o relato das suas proezas encheria, todos os dias, as primeiras páginas dos jornais. Sabe fazer «jonglage» com tampas de caçarolas; descer pelo buraco da chaminé; deslizar, com inimitável graça, pelas nuvens; cavalgar, com a maior simplicidade, hipopótamos, mariposas e peixes de côr; e nas rumbas e sapateados deixa a perder de vista a própria Gilda Gray, a inventora do shimmy...»



Tuta Rolf, uma artista que parece querer rivalizar com Maë West

'O Sinal N.º 100'

Sabemos, de fonte autorizada, ser absolutamente infundado o boato que corre, aliás com insistência, de ter sido convidado para realizar o fonofilme *O Sinal n.º 100* o sr. Mota da Costa. A verdade é que Mota da Costa não foi sequer convidado para colaborador daquele filme, e que, pelo contrário, é próprio indicou o argumentista, sr. António Leitão, o nome de António Lopes Ribeiro para o dirigir.

Por outro lado, afirma-se também que foi posta, momentaneamente de parte, a realização do aludido filme, em virtude de não ter sido possível reunir os capitais necessários para tornar aquele numa realidade.

Charles Boyer e as suecas...

O grande artista francês Charles Boyer não é só o favorito das vedetas teatrais portuguesas, que o classificaram em 1.º lugar, entre os actores preferidos, no inquérito recentemente levado a cabo pela nossa revista. Em França é um ídolo! Mas onde conta mais admiradoras é na Suécia. Durante o mês passado, Charles Boyer recebeu, da Suécia, 3.200 cartas de admiradoras, — tôdas de Estocolmo!

Boris Karloff, em Paris

«Frankenstein» percorre as ruas de Paris. Semeando o terror? Nada disso! Passando de braço dado com sua mulher Mme. Karloff.

Com efeito, Boris Karloff, que, na vida real, se chama Charles Edward Pratt, encontra-se, de passagem, na Cidade da Luz, vindo de Londres, onde filmara *O Homem que muda de ideias* e *Juggernaut* — a caminho de Hollywood, onde vai interpretar cinco filmes.

A metragem dos filmes americanos aumenta

Num dos últimos números de *Motion Picture Herald*, William Weaver, apresenta-nos, num artigo muito bem documentado, um curioso quadro, a atestar o crescente aumento de metragem dos grandes filmes americanos.

De há dois anos para cá, realizaram-se 32 filmes cujo tempo de projecção ultrapassa 100 minutos (1 h. 40).

Desses 32 filmes, 12 exigem, pelo menos, 2 horas de projecção. Ei-los:

<i>Ziegfeld, criador de estrélas...</i>	3 h. 5
<i>The Goldwyn Folies</i>	3 h.
<i>Anthony Adverse</i>	2 h. 30
<i>Romeu e Julieta</i>	2 h. 30
<i>The Green Pastures</i>	2 h. 15
<i>Revolta a bordo</i>	2 h. 15
<i>David Copperfield</i>	2 h. 10
<i>Sonho dum noite de verão</i>	2 h. 10
<i>Dois Cidades</i>	2 h. 5
<i>Cruzadas</i>	2 h. 5
<i>Capitão Blood</i>	2 h.
<i>Mr. Deeds Goes to town</i>	2 h.

Os filmes de longa metragem resolvem dum golpe o problema do duplo programa e ainda o dos complementos, que está também atravessando um período de acuidade, dada a sua qualidade e a carência manifesta, no mercado mundial.



Carola Höhn, uma lindíssima vedeta alemã, totalmente desconhecida do nosso público. Quando a veremos nos nossos telas?

A estreia de «Bocage»

«Bocage», o novo fonofilme português, realizado por Leitão de Barros, deve estreiar-se no segundo quinzana de Outubro. Será exibido simultaneamente em dois cinemas S. Luiz e Condes, devendo a récita de gala, poro apresentação do filme, realizar-se um dia antes do início da sua carreira normal, no primeiro daqueles cinemas.

«Bocage», que é indiscutivelmente o mais luxuoso e grandioso de todos os filmes realizados, até hoje, no nosso país — tem, no facto de ser

estreado simultaneamente em dois cinemas, mais uma afirmação de que se trata, de facto, dum filme que excede todos os que, até à data, se têm levado a cabo em estúdios portugueses.

Como definir a nacionalidade de um filme?

A propósito da definição de «filme português» correram rios de tinta.

Damos, hoje, a título de curiosidade, a definição de «filme alemão».

Um filme é considerado «alemão»:

- 1.º) Quando fôr produzido por uma firma alemã ou por alemães.
- 2.º) Quando os tomadas de vista no estúdio e as do exterior — estas, na medida do possível — forem realizadas na Alemanha.
- 3.º) Quando a ideia, o argumento e a música se devem a alemães e foram concebidos e realizados por eles.
- 4.º) Quando o director de produção, o realizador e os principais colaboradores do filme são alemães.

Meio tostãozinho para o S. Teatro...

Braz Burity, crítico teatral do *Diabo*, e, que é mais, crítico imparcial, insuspeito e desempoceirado, foca, no último número daquele semanário, a penosa situação do Teatro, e alvitra:

Não ofereço ao Estado o ovo de Colombo, mas, deixando às repartições competentes da Contabilidade e da Estatística o cálculo, em números exactos e redondos, de quanto produziria, na roda do ano, uma ligeiríssima sobretaxa de meio tostão — cinco centavos! — sobre todos os bilhetes de espectáculos realizados no país, nos teatros, cinemas, circos, estádios, redondéis, clubes, casinos e piscinas — láda a entrada paga em funçanata particular ou pública — com esse fundo — pêlo de cão arrancado ao mesmo cão — cortam-se todos os males pela raiz da Falta de Verba e não haverá medidas governamentais sobre o teatro nacional, que, por dispendiosas e caras, não possam executar-se e cumprir-se à risca e à vontade dos donos e do freguês.

Não ofereço ao Estado o ovo de Colombo — mas parece-me que, só com esse meio-tostãozinho, cardado, sem dor, pelo pente fino do Fisco, aos rebanhos cinéfilos e fulebolistas, para que o Estado nos sirva, na solução da crise teatral, a mais opipara das canjas — com a exploração subsidiada de uma companhia de declamação no Teatro Normal, de uma companhia de Ópera em S. Carlos, de uma companhia de Drama e Alta Comédia, outra de Ópereta ou teatro ligeiro — ambas deslocáveis pelo país, como a tentativa, em grande, do Teatro do Povo — não se poderia lidar, com o Papão da Falta de Verba, o não se ler melidã na Lapoeira dos impostos, a galinha poedeira dos ovos de ouro...

«Consideramos uma risonha bouca esta do meio tostãozinho para o S.º Teatro, muito embora, pelas estatísticas de há dois anos, se avalie o valor global da sobretaxa dos cinco centavos em 10 mil contos...

Por este processo, resolver-se-iam muitos outros problemas, aliás. Mas o do Teatro, affigura-se-nos mais difficil. Porque há coisas que se não compram com o dinheiro: artistas, boas peças, e até génio.

A crise do nosso Teatro não é de meios-tostões... É de bons artistas e de boas peças. Há mil e um exemplos a provar a verdade desta afirmação.



As vedetas também fazem «pic-nics». E ninguém ousará caçar, por certo, o similitude do traje...

O QUE PENSA SOBRE O

CINEMA NACIONAL

Depois de Moto do Costa, que ouvimos num dos nossos números precedentes, tem hoje o polvra o Engenheiro sr. Luiz Verol, presidente do Sindicato dos Profissionais de Cinema. Pelo seu posição social, e sobretudo pelo que ocupa, como dirigente da corporação, a que acima fizemos referência, o depoimento do Eng.º sr. Luiz Verol tem um excepcional interesse e uma autoridade indiscutível para se pronunciar sobre o magno problema que, nas nossas colunas, temas vindo o debater.

PROSSEGUINDO no inquérito aberto no nosso penúltimo número, ouvimos o talentoso engenheiro Luiz Verol, que no S. N. P. C., de que é ilustre presidente, tem dado provas concretas do seu carinho e amor pela cinematografia nacional e mostrando quanto pode um novo cheio de qualidades aproveitáveis. Encontrámo-lo num café da Baixa. Verol declarou-se um simpatisante sincero da nossa iniciativa, e, no seu dizer, bastante desenvolve o gosto pelo cinema, e achou deveras feliz a escolha de Moto da Costa para abertura da nossa série de entrevistas acerca da nossa cinematografia.

Dedimos-lhe a sua opinião sobre o momento actual desta nova indústria.

— Eng.º diz-nos:
— Sente-se a influência duma força exterior que actua para o seu completo e definitivo desenvolvimento entre nós. É um facto, que a produção, até agora, não tem tirado o partido que poderia tirar das excepcionais condições do nosso país; mas, como em tudo, é necessário saber esperar e desculpar a pouca prática dos produtores.

— Quere V. dizer que ainda necessitamos da colaboração de técnicos estrangeiros?

— Hoje, já não; porque estou certo que se permitirem aos técnicos nacionais, as condições de trabalho dadas aos estrangeiros, a produção não será inferior à que, até ao momento actual, não têm apresentado com tanta infelicidade.

— Nesse caso, V. é, também, da opinião que possuímos condições suficientes para realizar filmes a sério?

— Evidentemente. Mas, para isso, é preciso organizar a indústria cinematográfica que, como todas as indústrias em embrião, carece do apoio de entidades superiores.

Julga, então, imprescindível a pro-

tecção, por parte do Governo, à produção de filmes portugueses?

— Julgo sim. E mesmo mais: tenho a certeza que só quando o Governo se decidir, definitivamente, a proteger esta indústria, ela será um facto no nosso



Eng.º Luiz Verol

país. Antes disso, qualquer tentativa será infrutífera. Essa solução não só trazia ao Estado uma receita compensadora, como, também, viria terminar com a crise de desemprego que, assustadoramente, avassala a classe.

— Mas, o S. N. P. C. tem trabalhado — temos conhecimento — pela causa cinematográfica e consequentemente, pelos interesses dos sindicatos?

— Sim. Sem dúvida. O nosso sindicato tem, sobretudo, tentado, junto das entidades oficiais, proteger os operadores cinegráficos, contra a injusta invasão dos técnicos estrangeiros, que tão poucas aptidões técnicas têm revelado. Muito infelizmente para todos nós, os senhores produtores alegam sempre a incompetência dos seus compatriotas, apesar de incompetentes, talvez lhes não dessem os prejuízos que os técnicos estrangeiros, cheios de competência, lhes têm dado. Mas a vida é assim... Somos sempre mais gentis para os estrangeiros do que para os nossos. Não esqueçamos que é impossível viver dos 100 metros da lei, e só podemos constatar que o número de desempregados desta arte aumenta dia a dia... E, contudo,

poderia organizar-se uma brigada de técnicos nacionais.

— Quais as razões que o levam a fazer essa afirmação?

— Há várias. Mas, destaco uma como principal. Um núcleo de operadores cinegráficos, apresentou uma reclamação ao S. N. P. C., contra as empresas distribuidoras que não chegam a pagar estes documentários pelo seu custo. Nestas condições, só são possíveis maus filmes, visto que, na sua maioria, são arranjos de documentários já apresentados. Para evitar estes desmandos e inconveniências, pediu o núcleo a fixação de preços mínimos, o que, até agora, não foi possível obter.

— Independente disso, consta-nos que o S. N. P. C. está elaborando um estudo, tendente a resolver todos os problemas que afectam a classe cinematográfica?

— Assim é. Temos entre-mãos um trabalho que uma vez concluído e aprovado pelas entidades oficiais a que vai ser apresentado, solucionará a crise cinematográfica, e dará começo a uma intensiva produção, mas a sério.

— Filmes esses, que serão feitos pelo sindicato?

— Em parte; porque contamos com a colaboração duma entidade oficial.

— Duma vez aceite a vossa proposta, qual o critério que vão adotar para o recrutamento de pessoal?

— Todos os trabalhadores dos nossos filmes serão pedidos aos Sindicatos de Desempregados.

— Há muito tempo que se fala na criação duma «carteira profissionais», de grandes vantagens para os profissionais de cinema. A esse respeito, diz-nos o engenheiro Verol:

— «A carteira profissional» representaria para a classe, a sua garantia profissional, dando a vantagem ao exhibidor, produtor e distribuidor, de só admitir ao seu serviço pessoal competente, com responsabilidade de trabalho. Acabando-se, definitivamente, com uma série de amadores que só desprestigiam a arte e vêm tirar lugar a verdadeiros profissionais. Por estes dois exemplos, se pode ver o enorme alcance da «carteira profissionais».

— Mas, no cinema, há profissionalismo?

— Infelizmente quasi que não o há. Para os poucos filmes que se fazem entre nós, vão-se buscar — duma maneira geral — sempre, novos elementos sem competência. Porém, era possível con-

segui-lo, organizando uma brigada fixa que se dedicasse, exclusivamente, a essa indústria.

Luiz Verol estava com muita pressa. Tinha reunião no Sindicato e não queria faltar. Apesar disso, quisemos, ainda, ouvir o seu parecer acerca das «velhas» deficiências de som nos filmes portugueses, que têm servido de fonte de inspiração aos revisteiros e contribuído para encher algumas colunas de jornais humorísticos.

Inquirimos:
— V., como engenheiro de som, a que atribui algumas «falhas» de sonorização nas produções nacionais?

— Imediatamente obtivemos resposta.

— As produções portuguesas, com efeito, têm, por vezes, um som bastante deficiente, que eu atribuo, sobretudo, às péssimas condições em que colocam o engenheiro de som. Não se convencem os senhores produtores e realizadores que a única pessoa que deve ditar leis é o técnico de som — para isso estudou, dizem eles. Não é bem assim. E o público, que não pode, de forma alguma, ser um técnico, atribui sempre, essas deficiências de som ao Director dos Serviços Acústicos que, na maioria das vezes não é o culpado.

O Engenheiro Verol tenta despedir-se. Alega, novamente, que não pode demorar-se. Convencemo-lo a só nos responder a mais uma pergunta. Procura esquivar-se, mas acaba por transgír. E com aquele bom humor que lhe é peculiar, confessa que os jornalistas têm tudo quanto querem.

Aproveitando a sua óptima disposição, desfechámos de chofre:

— A seu ver qual o critério que deveria ser adaptado na escolha de intérpretes para filmes?

O presidente do S. N. P. C. hesita. A pergunta não lhe agrada muito. Receia, talvez, que a sua opinião possa melindrar alguém. Mas, como ela — a seu ver — faz parte integrante da verdade, afirmamos:

— Só deveriam ser escolhidos os que correspondessem, de verdade, às provas de fotonegia e de fonogenia, evitando precipitações na escolha até influências interiores, ou ainda interesses particulares. Se assim fizessem, garanto-lhe que muito lucraríamos com isso.

Despedimo-nos de Luiz Verol, lastimando que ele não tivesse livre mais algum tempo, e agradecendo a entrevista concedida a *Cine-Jornal*.

SANTOS MENDES



Janine Crispin e Jean Pierre Aumont, numa cena do filme «A Lei dos Cossacos». Amor, paixão ardente, no cenário Criador do Natu-reza. Sem sensualismos postiços e vampirescos, esta cena tem qualquer coisa de primitivo e de belo!

A história da minha vida

por

SPENCER TRACY

LIONEL Barrymore diz que quando o homem começa a escrever a sua biografia, é sinal de que começa a envelhecer e por esse motivo, eu não deveria falar de mim, nem a pedido, se não fosse por estar convencido de que a teoria de Barrymore não se aplica ao meu caso... Talvez que o sangue irlandês que me corre nas veias, — quasi todos os meus antepassados eram irlandeses — faça com que seja uma excepção à regra.

Nasci em Milwaukee, estado de Wisconsin. Aos sete anos, comecei a revelar o meu espirito aventureiro, vagueando todo o dia pelas vizinhanças... Certa vez, encontrei dois garotos, Monstie e Rallie, e passámos o dia a brincar numa alca, que ficava por traz do botiquim do pai deles.

Foi o suficiente para meus pais me fazerem a mala e mandarem-me para o colégio. Fiz o possível, mas nunca pude interessar-me pelos estudos! Por outro lado, era o primeiro em atletismo...

Quando completei dezasseis anos, mudámo-nos para Kansas City, onde me matriculei noutra escola. Mais tarde, regressámos a Milwaukee e lá acabei os meus estudos. Tanto estudo parecia-me demais no meu entender.

Rebentou a guerra! Tratei de me alistar no Corpo de Fusileiros Navais, mas não me aceitaram, porque tinha só dezasseis anos. Sobre então que podia entrar na Marinha e alistei-me.

Minha mãe não gostou muito da ideia, mas meu pai, como homem, compreendia melhor estas ambições e deu-me o seu consentimento. Sai de casa todo entusiasmado.

Depois da assinatura do Armistício, meu pai insistiu para que eu entrasse para a Academia Militar de Marquette — daí passei para a Academia Militar de Northwestern. Depois estudei dois anos na Universidade de Iliopon.

Foi aí que conheci o professor Hooty, a pessoa que realmente me encaminhou para uma carreira. Fêz-me sócio do seu clube de debates, e com grande surpresa minha, gostei daquilo... E pouco a pouco, senti o desejo de representar...

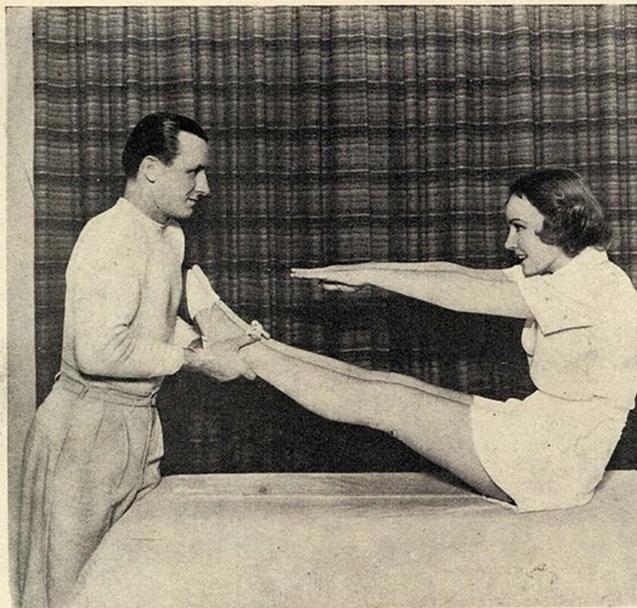
Meu pai achou que era uma tolice rematada, mas permitiu-me que experimentasse. Entrei para a Academia de Artes Dramáticas em Nova York, e vivi com a pequena pensão que recebia da Marinha. Algumas vezes, no fim do mês, só me sobrava dinheiro para comer biscuitos, arroz e água. Pela primeira vez na minha vida trabalhei de verdade.

Certo dia, não tendo recebido o meu cheque, encontrei-me sem dinheiro. Fui então ao New York Theatre Guild para solicitar trabalho. Não posso compreender porque me deram um papel. A minha primeira aparição foi em «R. U. R.», com um ordenado muito pequeno... Comecei por o cobrar adiantadamente, para comer. Acho que gostaram do meu trabalho, pois, pouco depois, aumentaram-me o ordenado. Senti-me um astro famoso.

A peça saiu do cartaz dias depois. Consegui então um lugar na companhia teatral de Leonard Wood Jr., em White Plains, Nova York. Mais tarde, fui para Cincinnati e, entretanto, não perdia de vista Nova York. Ao voltar à grande metrópole, ingressei na companhia de Ethel Barrymore. Depois de me de outros papéis, voltei para o Theatre Guild, mas já não como novato. Apresentámos «Baby Cyclones», «Whispering Friends», «Dreads», «Conflicts» e «The Last Miles». Nessa última peça, interpretei o papel do Malador Mears, que realmente me pôs no caminho do êxito, sendo esse o mesmo papel que iniciei Clark Gable na sua carreira cinematográfica.

E foram estes os meus inícios. O cinema era, afinal o meu destino. Tive que trabalhar muito, com perseverança e sem desânimos, para vencer. É esta a moral da história.

SPENCER TRACY



Donald Loomis submete June Knight a um exercício magnifico para reduzir as adiposidades da barriga

Na sala de ginástica dos estúdios

Receitas várias e métodos adoptados

CUBOS de gelo esfregados no rosto. Dormir numa cama inclinada, sem travesseiro.

Seguir uma dieta «anti-água gelada». Pegar em bolinhas de minmore com os dedos do pé.

Est algumas das coisas, aparentemente fantásticas, receitas para as vendas da tela, por Donald Loomis, director de educação física de Hollywood.

● método de Loomis difere do método comum de salas de ginástica e jogos atléticos. Loomis, que foi estudante de medicina, e é filho dum cirurgião de Minneapolis, desenvolveu o seu próprio sistema, quando ainda era estudante.

«Cubos de gelo, esfregados no rosto, tornam a pele perfeita», diz elle ás estréllas. Como exemplo, cita a pele de Greta Garbo.

Receita a lavagem do rosto em água fria e o uso de cubos de gelo para suas clientes, no número das quais se incluem Jeanette Mac Donald, Luise Rainer e outras estréllas.

«Não beba água gelada», é outra de suas máximas. Insiste em que seus discípulos sigam esse conselho.

«Desenvolvi os biceps de Clark Gable», continua elle, «fazendo-o andar com dois pés pequenos, de braços abertos».

Clarence Brown, o director, também desenvolveu os músculos dos braços da mesma maneira.

Para aperfeiçoar os arcos ou a curvatura dos pés, manda os seus alunos apanhar bolinhas de minmore, com os dedos dos pés. «É um antídoto perfeito para os saltos altos», declara elle.

Dos que apanham bolinhas com os de-

dos, a campeã é a loura Mary Carlisle...

«Não se deve usar o travesseiro, sobretudo se a pessoa tem tendência para andar curvado», aconsella também. «Se o sangue corre para a cabeça, quando não se usa o travesseiro, devem-se pôr blocos de madeira na cabeceira da cama, para a inclinar».

Muitos dos artistas hoje seguem esse conselho, e June Knight foi a primeira a adoptá-lo.

Os exercícios são feitos com barras especiais, alteres, e aparelhos de resistência. Para reduzir o péso, aconsella exercícios leves e rápidos, com muitas repetições; para desenvolver os músculos, recommenda exercícios vagarosos e constantes tais como levantamento de pésos, barras fixas ou varas de ferro.

«É uma tolice convencer as mulheres de que não podem comer pão, batatas, ou, outras coisas de que gostam», declara elle. «Podem comer tudo isso, se souberem fazer exercícios de accordo com o bom senso. Jeanette MacDonald come pão e batatas, todos os dias, e o seu péso nunca aeuza uma grama a mais».

Outros métodos de treinamento de Loomis incluem o hábito de respirar profundamente em frente dum janela aberta: arrastar-se sobre os pés e mãos para exercitar a espinha; exercícios de flexão das costas, para estimular a circulação e facilitar a digestão; torcer o corpo em ambas as direcções, enquanto se está de pé, para «soltar» a espinha e corrigir o nervosismo.

E aqui têm alguns métodos simples de educação física, seguidos pelas estréllas.

Realizadores alemães

DETLEF SIERCK

DETLEF fixou-se no mundo cinematográfico sem que fásse preciso manipular as alavancas da propaganda. Ninguém o ouvia falar de grandes projectos nem de grandes intenções. Não deu entrevistas nenhuma e quando lhe pediram fotografias dizia que não tinha porque não gostava de tirar o retrato. Entrou para os estúdios sem espalhafato, e alirou-se desde logo ao trabalho que foi sempre a paixão da sua vida inteiramente dedicada à arte.

Durante os muitos anos que trabalhou no teatro recolheu ensinamentos extraídos dos reconditos lesouros da história da arte e da cultura, ensinamentos que não são a herança abstracta do rodar dos séculos, mas sim o legado da vida que obriga a compreendê-la e que é a única base com que se deve criticar e ajuizar a sua personalidade. Foi sempre um inimigo inveterado do género patético das teorías inspidas e dos dialécticas hipócritas, e conservou sempre a sua simplicidade natural que sentimos instintivamente na maneira desprestenciosa como elle fala e nos seus gestos sóbrios e naturais.

A todo o seu trabalho artístico, pôsto agora ao serviço da cinematografia, podem applicar-se aquellas palavras de Schopenhauer: «A-bua vontade é tudo em Moral, mas não é muda na Arte, que exige, como a própria palavra o diz, unicamente o Saber». A convicção de que o Saber traz consigo responsabilidades é o cunho que marca a intensidade quasi fanática do seu trabalho, a que elle se dedica com alma e apêgo, na certeza de que a seriedade de sua convicção artística é uma fonte inexgotável de energia. Desta energia dimana a tranquillidade quasi mágica que elle se cultra ao trabalho e dirige com singeleza extraordinária todas as pessoas que depeuem dele.

Dellef não, é um realizador que se contenta em absorver o seu trabalho diário, conforme contrato, e que está sempre pronto a fechar um compromisso para obter uma vantagem material, pelo contrario, é daquelas pessoas que são capazes de se sacrificar pela arte e pelas comissões de que se encargam.

Não há nada que caracterize tanto a personalidade de Dellef Sierck como a singeleza e modestia de que elle se rodeia e que foi sempre, quer queiram quer não, o verdadeiro predicado das pessoas que sabem o que fazem. Quem já teve occasião de assistir varias vezes ás filmagens destinadas ao novo filme da Ufa «Schlussakkords» (Acorde final), realizado por Dellef Sierck para o grupo produtor de Bruno Dudley, terá reparado que os movimentos das centenas de pessoas que trabalham nesse filme dão a impressão de que obedecem a uma força invisível, a uma vontade única que ás dirige sem vazes de comando, sem grande gritarias. É uma força invisível, sim, mas imensamente suggestiva que se manifesta na atmosfera harmoniosa deste filme e que denuncava a influencia da personalidade forte de Dellef Sierck, o realizador que, durante tantos dias e tantas noites, só viveu para esta sua obra, obrigando todos os colaboradores a cooperarem com elle na mesma finalidade.

Dizemos noite e dia, sem exagerar, porque para Dellef o trabalho nos estúdios não terminava a horas precisas, e porque elle se sentia responsável em todos os seus actos artisticos e lènticos.

É que elle estava e está convencido de que não é a forma decorativa e convencional mas sim a alma o «leit-motiv» da Arte: e esse «leit-motiv» encontra sempre perigos nos filmes, perigos que elle crê ter o dever de evitar. Dellef Sierck trabalhou pois fanaticamente pela consecução da sua obra que atestará a sinceridade artistica da cinematografia alemã que tem em Dellef um dos melhores realizadores da nova geração!



HOLLYWOOD, embora seja uma cidade nova — nova no sentido de recente — já possui épocas históricas... cinematográficamente falando.

Temos primeiro — como em todas as cidades — a época de formação. Mas logo nesta época, a formação já é diferenciada da formação das outras cidades. Predominou o espírito americano. Por isso, embora a indústria estivesse ainda quase no início, os americanos, sabendo previamente que eram necessárias grandes instalações, se não as construíam imediatamente, compravam logo, pelo menos, o terreno necessário para montar e desenvolver essa indústria tanto quanto necessário. A rapidez com que se levantavam os edifícios e a configuração destes era muito especial. Ou tinham o aspecto de grandes armazéns, ou então eram vivendas lindamente ajardinadas e cheias de comodidades.

Surge depois a época em que ouvindo-se falar em Hollywood era a mesma coisa que ouvir falar do super-paraiso terrestre. Rapazes, raparigas, homens, mulheres e velhos ambicionavam ir para Hollywood... E todos alimentavam a esperança que triunfariam como actores caso conseguissem deslocar-se a essa cidade-imã.

Finalmente, agora, surge a época em que todos têm horror à vida de Hollywood, pelo seu artificialismo, pelas suas exuberâncias, pelo meio, pela crise, pelas invejas e sensaborias...

Esta é a opinião dos que não conhecem essa cidade incompreensível, pois a daqueles que lá têm vivido, talvez ainda seja pior.

Greta Garbo disse, uma vez, ao partir

HOLLYWOOD

Cidade das miragens...



para férias: «que sensação magnífica a que sentimos ao deixar Hollywood!»
Clive Brook afirma que: «Hollywood embrutece».

Como cartaz turístico estas opiniões não são das mais recomendáveis...

* * *

Um americano expôs, há pouco tempo, a sua biblioteca sobre livros que falam unicamente de Hollywood. Possuía muitas centenas de exemplares escritos nas mais variadas línguas. Não admira. Hollywood tem sido visitada por milhares e milhares de *touristes* de diferentes nacionalidades. Jornalistas ávidos de reportagens sensacionais, fazem longos estádios na capital dos filmes. São estes os *grandes propagandistas* de Hollywood. Assim se explicam, em parte, os *avalanches* de curiosos que todos os meses invadem essa *terra-de-estrelas*, onde há mulheres que unicamente por serem esbeltas ganham quantias fabulosas onde os graxas, os *«chauffeurs»* de taxis, os criados de café, as vendedoras, as criadas e as costureiras pensam que também virão a ganhar quantias igualmente fabulosas.

* * *

Mas, na realidade, Hollywood não passa duma cidade triste e sem cor, em que os edifícios parecem feitos precisamente com o mesmo material com que se constroem os cenários para os grandes filmes.

«Hollywood é Montparnasse multiplicado por mil... mas sem a sua alegria» — escreveu um jornalista francês.

* * *

Ser-se bela não é, muitas vezes, o suficiente para se triunfar em Hollywood. Em certo *bar* uma rapariga *modesta* elogiava a sua beleza e afirmava que era mais formosa que a Norma Shearer, que a Silvia Sydney, que a...

A avaliar pela resposta de Clark Gable a rapariga parece que realmente era mais bonita que estas *vedetas*; a resposta foi a seguinte: «não se amofine por ser mais bela e não ter contrato; para triunfar em Hollywood o mais difícil para uma mulher é saber escolher o amante».

(Continua na pág. 15)





O CINEMA

VISTO DO LINDO

DAS CÂMARAS

DE FILMAR

O cinema visto do lado do operador? Bararamente o público adivinha o que se passa, ante cada uma das cenas que vê desfilar vertiginosamente na tela. A ilusão é tal, partimos em peregrinação do avião ou para a morte. Tomamos parte na dor da heroína. As suas lágrimas de glória respondemos com lágrimas autênticas. Rimos, quando nos mandam, sentados na cadeira, passamos por toda a gama de emoções.

Isto, apenas por graça de imagens que mexem e que falam, condensadas em 24 mm. de largura. Se olharmos friamente, se considerarmos tudo sem atender ao espírito — dir-se-ia que nos comportamos como simples alienados...

Do lado do operador? É aí que se fabrica este incomparável surtigão: um filme. Para tanto, entram em jogo a química e a metafísica! Não há arte, ciência, conhecimentos — que não tenham a sua aplicação. O estúdio é o laboratório onde se fabrica a vida sintética. Por lástimo, uma rede inextricável de cabos, por cima, tapavelles, spots — luz, constelações de "sunlights", impassível, fitas.

Já pensaram que, por detrás de cada cena de amor, estão os aparelhos de filmar, de registro de sons, técnicos, ajudantes, electricistas, o cabeleiro, a encarregada da guarda-roupa? O refém, no cinema, é uma deliciosa chibata. Há olhos que espiam, que dissecam, que analisam os mais pequenos movimentos!

Este por que desce a escada, sorridente? Parece que ninguém os vê. No entanto, as complicadas gruas, guindastes aperfeiçoadíssimos, acompanham a sua descida. Lá está o engenheiro de diálogo. O realizador, a comandar por gestos, a ordenar sorrisos, olhares — a fabricar a vida.

Na rua, no mar, no ar — a câmara, com o seu exército, segue os artistas. Cada uma das cenas que desfila na tela — tem cenário idêntico à sua freguesia. É a mecânica, na sua rigidez fria. É a profissão, que carrega a alma parca de emoção. É o a-hi de todas as indústrias, os interesses, o materialismo, o dinheiro, os interesses.

É, no entanto, todos aqueles técnicos que assistiram impávidos à filmagem quando virem o filme, choraram lágrimas sentidas, viverão a odisséia do protagonista, e das suas dores.

Milagre do cinema, a arte emotiva por excelência, a que melhor nos fala à alma e ao sentimento!

Levantando a ponta do véu...

A NOVA TEMPORADA PROMETE...

Cinema também tem as suas férias. Mas é o público que as goza.

Acabada a temporada outra se prepara. Imediatamente se iniciam negociações; procede-se à escolha dos novos filmes, de harmonia com os gostos e tendências do nosso público.

É um trabalho moroso e delicado, que este ano é extraordinariamente facilitado pela abundância de filmes excelentes, alguns mesmo excepcionais, no mercado distribuidor.

Alegrem-se, cinéfilos! A nova temporada promete...

* * *

Temos presentes as tentadoras listas das firmas distribuidoras. Calculamos que o leitor terá o mesmo interesse que nós tivemos em lê-las.

Vamos dar uma resenha dos principais. E para pôr um pouco de ordem nesta apetitosa feira franca, englobá-los-emos segundo as casas distribuidoras. A relação que damos hoje diz respeito aos filmes, a exibir na próxima época, da Metro Goldwyn Mayer.

Atenção! Vai levantar o pano. Fechem os olhos, e a tela animar-se-á.

Calderon, a vida é um pesadêto — o cinema é que é sonho...

* * *

Ziegfeld, Criador de Estrélas — Constitui uma nova modalidade do espectáculo cinematográfico: leva três horas a desenrolar o dobro da metragem dum filme vulgar.

Evoca a vida do grande empresário new-yorkiano, animador das «Ziegfeld Follies», célebres pelo luxo estonteante e pela beleza da figuração.

Deverão parecer breves as três horas passadas na companhia de Mirna Loy, da austríaca Luiza Rainer, de William Powell, em pleno reino da «férias»...

Parada Maravilhosa de 1937 — Ziegfeld morreu. As grandes revistas americanas passaram do palco para a tela. Todos nós nos lembramos do que foi a *Parada Maravilhosa de 1936* e da extraordinária Eleanore Powell, cujo sapateado os espanhóis são os próprios a comparar com o bater das castanholas da saudosa Império Argentina.

Esta de 1937, com a mesma «equipa» de técnicos e de artistas, permite supor que vai ser um filme delicioso. Ainda não a vimos: ainda não passou aos es-

crânios. E pode considerar-se já uma certeza.

Revolta a Bordo (Mutiny on the Bounty) — Nem todos os filmes grandes são grandes filmes. Há super-produções gigantes... anémicas.

Estamos perante um 1.º prémio da Academia de Artes e Ciências, de Hollywood. As três primeiras figuras foram entregues a Charles Laughton, Clark Gable e Franchot Tone.

Pela sua excepcional categoria, mais de uma vez nos temos referido a este filme.

A impressionante cena da tempestade; a beleza dos mares do Sul... Tenhamos paciência e aguardemos.

O Último Pagão — Outra vez os mares do Sul. Não há perigo de nos caçarmos com motivo tão belo.

Nos principais papéis dois nativos. Não é das coisas menos curiosas que o filme encerra.

Margarida Gauthier — A Dama das Camélias pela Greta Garbo, a divina... É uma escolha inteligente. Garbo não desperdiçará o seu talento em trabalhos de menos importância. E a Dama das Camélias, essa ressuscitará ante os nossos olhos que se comoverão, como se comoveram ao ler o romance de Dumas, aí pelas alturas dos dezóito anos...

Robert Taylor acompanha Greta Garbo. Foi promovido...

Romeu e Julieta — Outra interpretação que não pode deixar de nos interessar vivamente.

Norma Shearer ficará distinta, na classificação do público. Está na lembrança de todos a sua primorosa actuação nas *Virgens de Wimpole Street*. Leslie Howard fará o Romeu. A realização é do marido da Norma: Irving Thalberg.

Sabido como é que a época do nosso Teatro Nacional abrirá com *Romeu e Julieta*, vai estabelecer-se naturalmente uma certa competição... O nosso meio não permite que a peça seja montada com o luxo que, segundo se diz, o filme possui. Mas muito há a esperar do bom gosto de Rey Colaço.

Maria Antonieta — Segundo a obra do conhecido escritor Stephan Zweig. Outra interpretação de Norma Shearer.

Fury — A primeira fita de Fritz Lang na América. Chegado ao novo continen-



Dan Ameche, o nova galã americana, que vai ser a principal intérprete masculino do nova versão de «Ramona»

te, Fritz Lang entregou-se, durante mais de um ano, a várias tentativas que o não satisfizeram. Entre outros, abordou o tema dos barcos «Q», que se celebrizaram na guerra contra os submarinos. Já o futuro filme estava baptisado com o nome *A frota infernal*, quando o consciencioso realizador alemão o pôs de parte.

Agora dá-nos o *Fury*, sobre a Lei de Lynch. Pelo menos, há uma pessoa que está sinceramente convencida do valor do filme: é Fritz Lang.

As Duas Cidades — Segundo a obra de Dickens.

A revolução francesa dada com grandiosidade. Dizem-nos que são formidáveis os quadros da tomada da Basília e os da tarefa sinistra da guilhotina. «Liberdade, Liberdade, quantos crimes se cometeram em teu nome»...

Ah! Wilderness — Está traduzido para *Juventude Agitada*. Temos visto, repetidas vezes, a crítica francesa maltratar filmes americanos pela inconfessada razão... de não serem franceses. Neste caso nada há a dizer... Paris acolheu mesmo com entusiasmo a «Juventude agitada». Wallace Berry deve ter culpas no sucesso.

Rose-Marie — Todos nós conhecemos a célebre opereta, mais não seja de ouvido. A sua música inspirada deu a volta ao mundo. Van Dyke transportou-a para a tela. Vamos ouvir a maviosa voz de Jeannette Mac Donald. E veremos, também, o seu fotogénico sorriso.

Alegre Locandiera — A rapariga de hoje abandonou o fato à sport, deixou de fumar... Joan Crawford de bandós e com os vestidos das uossas avós! Vai ser um escândalo.

A pequena da provincia — Sensacional reaparição de Janet Gaynor, ao lado de Robert Taylor.

Deve ser um filme delicioso. Estamos a vê-la com um ar muito feliz, e o Robert Taylor, muito derreido — I love you, I love you. E talvez não...

A fuga de Tarzan — É o terceiro filme que se faz sobre esta figura tão apreciada pelos jovens. Tarzan intrépido, honroso, dedicado, amigo dos animais. Decididamente, o cinema nem sempre é imoral...

Uma noite na ópera — Com os três irmãos Marx. Já nos referimos a este filme, pormenorizadamente. É uma produção cômica, à maneira dos Marx. Depois de a ver há quem entre para os carros pelo quebra-vento (ex-pare-brise) e se sirva da roda sobreceleste com volante.

Um par de ciganos — Com os impagáveis Bueha e Estica. Está tudo dito.

A secretária de meu marido — Myrna Loy é a mulher; Clark Gable, o marido; Jean Harlow, a secretária. Não sei se estão a ver... Nós voltamos na Mirna Loy. O que fará o Gable?

Nascida para dançar — Filme com a Eleanore Powell, a da Parada Maravilhosa.

* * *

Mais tarde, mas ainda dentro da próximo época, teremos *Maria Wade*, com Greta Garbo e Charles Boyer. Que dificuldades não se teriam vencido para transportar para a tela o célebre amor de Napoleão?

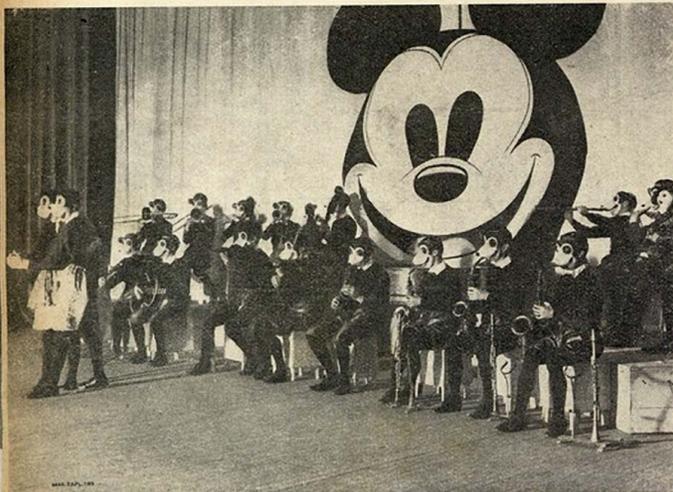
E ainda *San Francisco*, com Jeannette Mac Donald e Clark Gable. Está actualmente batendo em Nova York o record alcançado pela *Revolta a bordo*, em receitas.

Evoca o horrível terremoto de San Francisco no limiar do nosso século. Segundo se diz, este terremoto é dos maiores «truces» que se têm feito em cinema.

* * *

Paramos aqui para descansar... No próximo número daremos uma relação das produções da Sonoro-Filme a exibir também na próxima temporada.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



Uma grande orquestra de «Mickey», numa festa infantil, efectuada em Paris

TEM-SE dito, muitas vezes, que o cinema é o inovador do moderno «maquillage», e o responsável pelo exagôro da mesma: bocas rubras e sensuais; olhos orientalizados, pela configuração dos sobrelhos depilados; expressão misteriosa e exótica. Ora é o puro verdade que o cinema hoje, o espelho onde os raparigos vão beber inspiração para a sua beleza, tentam copiar esta ou aquela face da vedeta que mais admira. Mas, noutros tempos? As mulheres não se pintavam?

* * *

No Egito, lendário e misterioso, a mulher cultivava o «maquillage» pintando os lábios e os unhos. Tingia o cabelo dos mais variados côres: amarelo, azul e até vermelho. A Egípcia retava a sua face com o mesmo cuidado com que o Grego cuidava do linho do seu corpo. Linho esbelto, cores suaves e fortes. Curvas apenas animadas pelo dobras dos pregos das túnicas, amplas suaves.

No época do Renascimento, a mulher tinha ainda como preocupação apenas o seu beijo, obter a perfeição, segundo o conceito generalizado, desse tempo. Sobrancelhas delineadas. Sumo de limão. Vinagre, para obter

a polidez que o estético impunha às mulheres. Essas damas, que, através dos quadros dos artistas italianos, sorriam bondosamente, tinham o obsessão da beleza — tal como as mulheres de hoje. Uma beleza exuberante, que era o tipo do época.

Durante o século XVIII, o século injusto e vão, cruel e superficial, o mulher empoava a cabeça. De cinturinho estreito, bôca pequeno, livianos e «coquettes» — estavam condenadas o desaparecer pela falsidade de tudo quanto exibiam, desde os postigos à «coquetterie».

Poderíamos seguir, o curso das épocas e em tôdas encontraríamos o mesmo afon do embelezamento. É o eterno feminino, o inevitável obsessão de parecer melhor, de realçar os encantos próprios.

* * *

A beleza, no conceito do século actual, define-se por uma mulher de tipo alto, fronte ampla, olhos inquietos e expressivos, sejam azues, negros ou castanhos. Bôca grande. Lábios carnudos, «feitos» de sensualidade e tentação, graças ao «rouge». O cinema tem-nos dado este tipo de beleza, encarnado por uma Helen Gohagan, moreno, ou uma Marlene Dietrich, loira.

As vezes esta beleza da tela, valoriza-se por um simples gesto, focado em primeiro plano. Um movimento de pestanas, uma contracção dos lábios, pode valorizar os olhos e o bôco.

* * *

Os actuais conceitos de beleza, digamos de passagem, são os melhores, de quantos se têm seguido — muito embora haja quem afirme o contrário. Originalidade e personalidade, na mulher, não de ser sempre algo de interessante, mesmo quando não tenham feições perfeitas. Num sorriso feio, mas ori-



ginal, pode existir beleza, segundo o conceito de hoje.

* * *

A beleza do tela costume ser falsa e irreál. Truques de «maquillage», cremes pastosos, dissimulam as imperfeições físicas, e encobrem as rugas que o rondo dos tempos cova nas faces.

Sobrancelhas ficticias, feitas o lápis corvôo, que dão às faces um exotismo estranho. Bocas aumentadas horrivelmente. Pestanas arqueadas, enegrecidas. A «maquillage» do cinema chegou a uma perfeição tal, que se pratica no face dos vedetas, como se estas fôsem bonecas, o que se pudesse atribuir qualquer expressão.

A «maquillage», no cinzento do tela, opera prodígios. Mas é uma beleza falsa. Desconfiem dela.

* * *

A invasão do côr, no cinema, rompe com tôdo essa beleza da ficção, que comentamos, pálido, acinzentado, encravado entre o branco e preto... No futuro, será cloro, real, perfeitamente visual. A côr dará às mulheres uma aporência real. A «maquillage», débil, suave, reduzir-se-á, então o um leve realçar das próprias feições, sejam estas perfeitas ou incorrectos. A côr dará realismo ao olhar. Este brilhará azul, verde ou negro — como no vida. Transformar-se-á o aspecto estético do mulher, mas como este irá sempre em busca do embelezamento, ansioso por essa beleza tão apetecida — esta possará o usar uma «maquillage» discreto e racional, que o côr implantará no tela cinematográfico.

ROSA MARIA.

conceitos de Beleza

Durante as filmagens do Jardim de Allah, a troupe de técnicos e artistas acampon, muitos dias, em pleno deserto, para filmar algumas cenas daquela produção. Certa noite, à luz das rútilas estrelas, nasceu um camelo, filho dum dos muitos pacientes animais, utilizados nas filmagens. Foi um aconte-

cimento, que veio quebrar a monotonia das longas noites de cabmaria. Marlène resolveu ser madrinha do bicho e o animal usfeioou-se-lhe de tal forma que, daí em diante, seguiu-a para toda a parte.

Marlène, para perpetuar a amizade, tirou o retrato ao lado do «sen camelo».



MARLENE e o CAMELO

DUAS PORTUGUESAS QUE FAZEM CINEMA E QUE O SABEM FAZER

H a dias Aquilino Mendes, o operador português que tanta coisa bela tem fixado com o seu aparelho de filmagem, que contribuiu para o Trevo de 4 Folhas, com alguns dos mais lindos exteriores e que substituiu Sazazar Dintz no Bocage, pediu-me para eu deixar passar no ecrã do cinema que dirijo um filme pequeno. «uma coisa feita por senhoras». Aquiesci. Tinha que fazer e sai.

Alguns tempo depois, já terminada a sessão da tarde, voltei ao Cinema e ao atravessar junto da plateia percebi que se estava passando «o tal filme de senhoras». Distraidamente, sentei-me e olhei para o ecrã.

Devia ler na face um ligeiro sorriso irónico. Cinema feito por senhoras... Devia ter perfume a Houbigant! De repente, uma voz finamente timbrada, numa dicção claríssima, ressoava na sala, transmitida pelos auto-falantes. Era o filme, pois, sonoro. A seguir, uma música dum estilo suave e agradabilíssimo. Creio que o sorriso irónico desapareceu para dar lugar a um rílis de admiração, de interesse.

Afinal, aquele filme não era uma banalidade, uma coleção de postais ilustrados, como soem ser os documentários que se exibem nos nossos cinemas. Não. Aquilo que os meus olhos viam era um documentário como eu sonhava, realizado com sciência, com apurado gosto, com fina sensibilidade de artista, e mais do que isso; com interesse. Era o «Estoriz» um filme que marca, entre nós, o início da arte de fazer filmes documentários.

Quando subi as escadas, com o fim de conhecer as duas senhoras que tinham imaginado e levado a cabo aquele filme, um enarme número de convidadas felicitava duas lindas raparigas, tipo bem português, que modestamente sorriam ao ouvir os elogios que lhes faziam.

Também eu lhes disse qualquer coisa a respeito do seu filme, não sei já o quê.

Passados dias, tiveram essas senhoras necessidade de falar comigo e foi então, na sessão do meu escritório, que em esquecidas duas horas eu tracei conhecimento com essas duas portuguesas que no cinema nacional estão prestando alto serviço.

Junta da minha secretária, sentou-se D. Amélia Borges da Câmara Medeiros Rodrigues, um lindo rosto onde não pousa o «rouge» nem o «baton». Olhos grandes, dum expressão um tanto misteriosa. Uma voz cantante, com sotaque brasileiro, cariciosa, voz que se não esquece mais. Nesse semblante, uma calma enorme, a expressão dum a fôrça serena e consciênte.

Um pouco afastada, sua prima, D. Celeste Pastorini Bastos y Lago, tipo inteiramente diferente. Os seus olhos fecham-se a mimdo para esconderem os relâmpagos onde se descobre a decisão, a vontade que não gosta de ser contrariada, o desejo de ir direita ao fim em tudo, e depressa. O seu tipo de beleza é diferente do de sua prima, menos esplendoroso, mas não menos cativante. Também ela não usa «baton» ou «rou-

ges». Olha-me desconfiada. Não sei porquê, não consegui inspirar-lhe confiança. Por isso mesmo fala menos, com uma certa reserva.

Contaram-me que são portuguesas, naturais dos Açores, mas têm vivido no Brasil. Um dia, por amorosismo, resolveram vir a Portugal filmar trechos deste rincão que os portugueses lembram sempre com saudade lá por terras de Vera Cruz e exibirem-nos depois diante dos olhos dos seus compatriotas. O seu sucesso no Brasil foi relumbante. Apaixonaram-se por esses trabalhos e, u pouco e pouco, sem o sentirem, estavam transformadas em profissionais do cinema.

D. Amélia Medeiros Rodrigues é que delineia os seus filmes, esses pequenos minos onde a arte e o bom gosto se aliam numa simbiose que desperta lágrimas de saudade nos portugueses de além-mar. É ela também quem faz a montagem e até ela que escreve a música de que os filmes estão recheados.

D. Celeste Bastos y Lago é a sua preciosa colaboradora e (ela não o disse mas eu adivinho) quem trata da parte comercial.

Nessa devota paixão pelo cinema as duas senhoras começam a alargar a sua visão, a formar projectos. Alguns desses projectos tiveram a gentileza de nos confiarem e eu admiro como naquelas duas cabezinhas tão femininamente calivantes, puderam brotar ideias dum grandiosidade tão sedutora, dum a possibilidade tão flagrante!

A centelha que em vão tantos homens procuravam, as ideias que buscavam baldadamente aqueles rapaziños que se juntam ali no Palladium a discutir cinema e de que afinal não percebem nada, existem nessas duas senhoras que sem alarido, sem reclamo, sem dizerem mal de ninguém, vão realizando uma obra tão forte, patriótica.

Para a realização dos seus projectos fulvros estão prontas a empenharem umas centenas de contos de capital seu. Mas isso não chega. São precisos milhares.

Creio que lhes será difícil arranjar-las porque os nossos capitalistas não gostam que lhes falem verdade e os tratem com delicadeza. É preciso prometer-lhes o velo de ouro e falar-lhes de allo, chamar-lhes ignorantes. É assim que certos cabolinos conseguem obter milhares de contos para realizar obras que não valem milhares de escudos.

D. Amélia Medeiros Rodrigues e D. Celeste Bastos y Lago partiram, creio eu, para o norte, para a Beira, onde vão filmar, para comporem mais alguns dos seus preciosos documentários. Regressam lá para Oulubro, trazendo fixados alguns dos mais belos aspectos de Portugal, que os lindos olhos da primeira soberam distinguir. E talvez que D. Celeste Bastos y Lago, me olhe com mais confiança, pois o meu desejo é apenas que as duas vejam os seus trabalhos coromitos do maior dos êxitos.

J. N.

Revolução de Maio, filme de António Lopes Ribeiro, promete ser, de facto, algo de excepcional. O elenco é de primeira ordem. Dois estreantes que vão ser duas revelações: Maria Clara e António Martínez. A seu lado, Emilia de Oliveira, Alexandre de Azevedo, Clemente Pinto, José Gamboa, Luiz de Campos, Alfredo Pereira, José Alves e o famoso Francisco Ribeiro (Ribeirinho), uma das grandes revelações da obra.

A realização de Lopes Ribeiro, sóbria, segura, duma clareza e visão raras, vão colocar Revolução de Maio, num plano diferente de todos os outros filmes nacionais. Isidoro Goldberger registou as imagens deste filme, que são uma síntese perfeita e admirável do Portugal que vive, que luta e que trabalha, ao som das inconfundíveis cantigas portuguesas, enquadrado por paisagens, que são das mais belas que o nosso cinema nos tem dado.

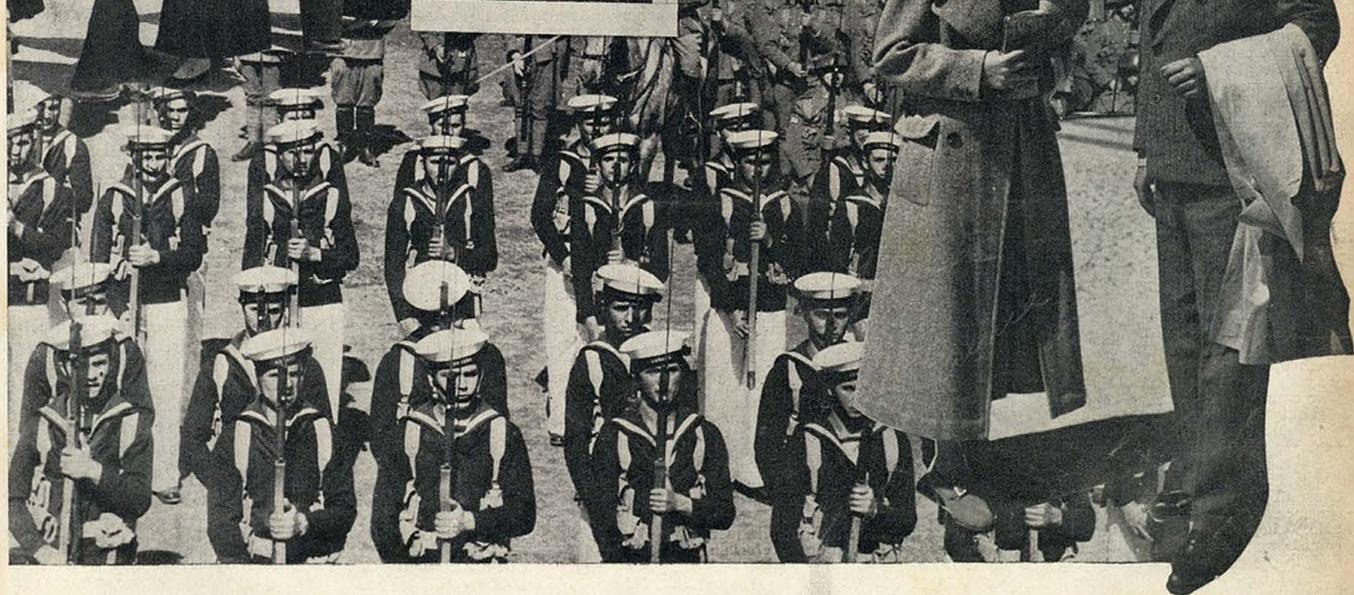
Revolução de Maio não é um documentário. É um filme de entrecho empolgante, cheio de movimento, colorido e interesse. A acção, dinâmica, tem por fundo um encanto inconfundível da nossa terra, e os mais notáveis «décors» construídos nos nossos estúdios. A par, a obra formidável realizada, em Portugal, depois de 1926. No argumento, as cenas do mais puro cómico, alternam com as da maior intensidade dramática.

A direcção musical deste filme é do maestro Pedro de Freitas Branco, um nome que dispensa todos os adjetivos. As melodias de Wenceslau Pinto, Rosita Serrano e Elieser Kameniesky, dão à partitura do filme um sabor especial.

Tais são, em resumo, algumas notas sobre o filme de António Lopes Ribeiro.



REVOLUÇÃO DE MAIO



CARTA do PORTO

O que será a próxima temporada cinematográfica? Esta pergunta haia já nos líbios e no espírito dos cinéfilos desta legião de cinéfilos que, primando mais pela qualidade do que pela quantidade, se interessa profunda e amorosamente por todas as manifestações estéticas do cinema.

A incógnita que ora nos surge aos olhos de todos, constitui a consoladora certeza de que, qualquer que seja a categoria dos detractores da sétima arte, qualquer que seja a sua influência nefasta e daninha, mais forte que o seu lacerado e escuro espírito de rotina, é a coragem e o alto sentido emotivo da maior parte da geração moça contemporânea.

Coragem que tem servido para enfrentar, sorrindo, as investidas de quantos, agarrados a velhos preconceitos, sentindo-se impotentes para se identificarem, de alma e coração, com as exigências, com as necessidades da vida moderna, pretendem grotescamente invésir contra hipotéticos moínhos, que só uma errada visão pode criar nos espíritos débeis.

Sentido emotivo que é o melhor «ex-libris» (a parte sã da geração moça que, saindo da apatia, da mórbida insensibilidade, que oprime, que esmaga, a inteligência, desta decrepita sociedade, sabe compreender, sabe sentir, sabe vibrar, com todas essas alis:sonantes paradas de beleza que o cinema nos dá, em gritos estridulos, em apoteoses vibrantes, de mocidade, de trabalho, de triunfo).

Por isso pergunta-se: o que será a próxima época cinematográfica?

O ansio fremente que, a dois meses de inauguração da temporada de inverno, se nota em muitas almas larvadas de velbarias, é a prova infosismável do estado de espírito daqueles que, insensíveis a campanhas derrotistas e a preconceitos holorentos, sabem compreender o alto valor do cinema, essa grande escola de realizações que se impôs individualmente, nesta época de derrota emotiva e sensitiva que se seguiu ao termo da guerra mundial.

Há já saudades dessas noites de vitória, em que nos nossos «éerans» se estrearam tantas obras-primas, em que se ergueram tantos monumentos à arte triunfante do nosso século, em que multidões heterogéneos, sentiram todo o peso do valor do cinema e se consideraram profundamente esmagados pela superioridade incontestável dessa arte de eleição.

Recordam-se todos as super-produções que essa pleiade de realizadores, em todo o mundo, soube criar, a golpes de talento, de génio, mesmo, animadas pelo espírito peregrino de tantos artistas de eleição, que vibrando, que sofrendo com essa arte, tódá a gama de exteriorizações sensíveis, souberam impôr-se ao mundo, que os olha admirados, como os pioneiros duma vida nova, duma vida lavada e poeiras, para aqueles que sabem reservar um pouco da sua existência para os arroubos do cérebro e do coração.

Lembram-se filmes, recordam-se interpretações, vive-se uma perene ansiedade por novos momentos de intensa ansiedade por novos momentos de intensa vibração. E como cala bem fundo na alma esse interesse por qualquer coisa de superior, de quasi divino, por qualquer coisa que paira muito acima dos egoísmos sórdidos da desgraçada vida materialista imperante.

Assim surge a inevitável interrogação: o que será a proxima temporada? Há quinze anos que a vida cinematográfica nos interessa, nos preocupa, nos consome a melhor parte dos nervos. Há quinze anos que auscultamos o coração desta geração que principiou a ver o cinema com curiosidade, passou a interessar-se pelo cinema, como espectáculo, e hoje sabe admirar o cinema como a mais vibrante manifestação de Perfeição e de Beleza.

Nunca, porém, como agora, se verificou uma tão ingente necessidade de cinema, nunca se constatou, tão definida e claramente, a falta do cinema. Por isso a época de inverno, a abertura da grande estação, é aguardada com uma citada ansiedade.

Consoladora certeza de que o nível intelectual duma boa parte do público, atingiu uma superioridade incontestável. Clara afirmação de que o cinema, dominando o mundo, é a melhor e mais retumbante vitória da inteligência humana.

Fechou o Trindade

O velho cinema da rua do Almada, o cinema Trindade, de tão curiosas e expressivas tradições, acaba de fechar as suas portas, para reabrir com a inauguração da temporada de 1936-37.

É interessante notar que, nos anos anteriores este cinema encerrava muito mais cedo, tudo nos levando a crer que se, desta vez, prolongou por um grande espaço de tempo a sua habitual temporada, implicitamente, foi porque o público, os seus «habitués» não se sentiram cansados, continuaram, pelo verão dentro, a recorrer aos seus espectáculos, a animar as suas sessões.

O público do Trindade, ao contrário do de quasi todas as outras casas do género, é um público fiel, certo, que se habituou a frequentar este cinema, e não o dispensa, não o substitui, passando já esta preferência de geração em geração.

Quem, como nós, assistiu, em plena mimica, à sua inauguração e se habituou a ver, sobretudo nas «prémieres», nos espectáculos do domingo ou nas sessões da moda, determinados rapazes e raparigas, um grande número, verifica que essa mocidade fiel ao Trindade, hoje instalada na vida, pais e mães de filhos, continua a frequentar este salão com os seus descendentes.

A «família» do Trindade é unida, quasi uniforme nas suas preferências, pode tomar novos hábitos, mas não abdica dos antigos, continua a assistir, a animar as suas sessões cinematográficas que, de ano para ano, vem denotando uma melhoria sensível.

Então, as «prémieres» dos últimos tempos tornam-se curiosíssimas porque o público, a maioria dos espectadores, embora sem nunca se terem falado, pela continuidade da sua presença, pela analogia das suas preferências, pela comunhão de tendências, olham-se como se fossem velhos amigos, antigos companheiros, verdadeiros conhecidos.

Este facto que, com estas claras características, com tão predominante evidência, não se verifica em mais nenhum cinema, é a melhor e mais nitida vitória do Trindade, a nota mais convincente demonstrativa da preferência pública.

Encerramento do Trindade, mesmo numa época de fortíssima canícula, deve ter feito falta a muita gente.

Será uma temporada de descanso bem merecido e que permitirá ao público aguçar o apetite para uma nova parada de grandes valores, como se anuncia para o velho Trindade, um dos dois que mais poderosamente contribuiu para a formação da actual pleiade de cinéfilos de primeira gema.

Preferências e tendências

Há pouco, com um fútil mas simpático pretexto, reuniram-se algumas dezenas de cinéfilos, a maior parte quasi veleranos — a calcularmos pela marcha veriginosa do tempo — reünio que, absolutamente estranha à sétima arte, redundou quasi num congresso cinematográfico cidadão.

Conversou-se, blagueou-se, recordou-se o passado, exalçou-se o presente e, inesperadamente, surgiu um inquérito.

Que género de filmes preferiam os assistentes?

Este simples enunciado darã para uma inexgotável manancial de argumentos, ideias e sugestões, mas, no momento, não passava duma curiosidade, como reflexo do interesse que a grande maioria dos presentes vota às coisas do cinema.

Houve discursos, dissertações, quasi conferências, sempre no meio duma agradável e móccidade, absolutamente propicia ao momento, e tanto mais simpática porque estava livre de quaisquer fórmulas pragmáticas.

Os assuntos misturavam-se, confundiam-se a sentenças da pergunta que mais entusiasmo suscitou ao improvisado «congresso» e parecia não ser possível chegar-se a uma finalidade definida.

Entretanto, alguns mais ousados procuraram pôr termo ao desorientado espírito da «assembleia» e, não sem bastante trabalho, conseguiram terminar com as divagações e procedeu-se à recolha das respostas sucintas e claras.

Não sabemos se devido ao ambiente, se devido à comunicativa alacridade do momento, sem podermos tampouco reconhecer no resultado do plebiscito a projecção do espírito contemporâneo, se tentarmos garantir se éle é o sincero reph-xo animico dos votantes, não deixou, no entanto de ser muito curioso.

A votação foi absolutamente livre, rigorosamente controlada, não obedeceu a sugestões, nem a pressões, embora também estejamos convencidos que não obedeceu a nenhum estudo prévio.

Venceram, por uma esmagadora maioria os filmes alegres. É uma opinião, aliás respeitável.

Pena foi que não se aproveitasse o momento para uma finalidade mais prática e, possivelmente, mais útil.

Porém, Roma e Pavia, não se fizeram num dia.

Aliança Filme

A nôvel, mas já bem conhecida empresa distribuidora desta cidade, Aliança Filme, que na época que findou nos deu algumas produções que causaram grande êxito e apresentou, em Portugal, alguns astros de primeira grandeza, até então, entre nós, desconhecidos, tem já quasi concluído o seu «stock» de películas a apresentar no inverno que vem próximo.

Continuando a representar, no nosso país, a conhecida produtora americana K. K. O-Rádio, vai dar-nos novas criações do irrepandante por Ginger Rogers-Fred Astaire, que aqui, depois de terem feito sucesso, começam a causar furor, e da genial Katharine Hepburn, o maior e mais expressivo talento que o cinema nos deu nos últimos tempos.

Sabemos que as produções Rádio apresentarão mais uma estrêla, que ainda não foi apreciada em Portugal, e que tem causado grande êxito nos principais centros europeus e americanos.

A Aliança Filme, no entanto, enriqueceu o seu «stock» com algumas produções europeias, com alguns dos mais queridos e populares artistas como Martha Eggerth, Danielle Darrieux, Harry Baur, Fernand Gravey, etc., etc.

É certa também a estrêla de dois filmes tricoioridos, de grande metragem, essas produções em que a côr constitui o mais aliciente atractivo.

Pela meticulosa selecção dos filmes, e pelo escriptivo que preside à organização dos progressos, tudo leva a crer que a época de 1936-37, será para a Aliança Filme, uma nova temporada de triunfos, aliás bem merecidos, a compensar o esforço da primeira empresa distribuidora portuense.

Desta casa temos recebido periódicamente o seu boletim de informações cinematográficas que, a par da sua primorosa apresentação gráfica, é um valioso repositório de elementos para todos os exhibidores e que a Aliança Filmes distribui no desejo louvável de bem informar, bem servir.

CARLOS MOREIRA

Só uma cera de flôres



darã
uma tal
beleza
de tez

Se residisse na região do Sul da França, onde são fabricados os perfumes, conheceria já as maravilhosas propriedades de embranquecer e embelezar a pele, possuídas por uma cera virgem que a Natureza colocou na corola das flores. Extraída e refinada, esta delicada substância untuosa, chamada Cire Aseptine, age sobre o rosto com uma estranha magia.

Aplicada à noite, antes do deitar, a Cire Aseptine amolece a camada externa dura e rugosa da sua pele e fá-la destacar-se em pequenias partículas. De manhã, revela-se a nova beleza duma pele branca e fresca insuspeita até então. Os poros dilatados, pontos negros, sardas e tódas as imperfeições do rosto desapareceram. Dever-se-á também empregá-la no pescoço, nas espáduas, nos braços e nas mãos, a fim-de não contrastarem muito com a brancura e a beleza juvenil do rosto. Simples, prática e pouco untuosa.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando dirija-se à Agência Aseptine, 88, Rua da Assunção, LISBOA, que atende na volta do correio.

 **Cosmetina**

...que refresca, que garante a supressão do odor, afasta todo o mal estar consequente dos peidos e evita dores e inflamações, é um preparado necessário para a hygiene da mulher.

Um único ensaio assegurará a sua superioridade e da tal forma, que em casa, em sociedade, em viagem, passeio ou «sport», COSMETINA se tornará indispensável.

COSMETINA não é um simples perfume cujo eficácia seria irrisória.

É um cosmético de base científica absolutamente eficaz e segura.

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELLEZA

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

À venda nos boas casas

afaxi, Lda

TODOS OS
ARTIGOS PARA
FOTOGRAFIA

TRABALHOS PARA
AMADORES

GALERIA
FOTOGRAFICA

TEL. 2 8836

R. AUGUSTA, 110, 118/LISBOA

Stadium

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Têm 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos os assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores

Esc. 1350

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp. impressão e gravuras BERTRAND (irmãos), Lda
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48500
25 * 6 meses 24500
12 * 3 meses 12500
Estrangeiro e Colónias. 52 num. 1 ano .. 65500

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA

HOLYWOOD

cidade das miragens

(Continuação da página 7)

E por estas e outras razões que me parece indispensável distinguir as vedetas das artistas.

* * *

Nesta cidade-única os artistas, quando se tornam célebres, mudam de amigos e vão viver para Beverley-Hills, uma cidade interdita para os pobres e até para os ricos. Só lá vivem bem os riquíssimos.

São inúmeros os actores que têm vivido nesta cidade e que depois voltam para os bairros mais modestos de Hollywood.

* * *

É espantoso como esses actores, que com os seus filmes distraem o mundo inteiro, não se sabem distrair a eles próprios nem tão pouco entreter qualquer pessoa que com eles conviva ou converse.

O cinema obseca-os.
Há mesmo quem diga que o pior defeito de Hollywood é não se saber falar senão de cinema. Nada mais interessa. Política, literatura, questões religiosas... tudo são palavras sem significado para esta gente.

Passam a vida nos estúdios a fazer cinema e cá fora continuam a respirar a mesma atmosfera, pois as discussões e conversas versam invariavelmente sobre um tema: o cinema.

Poderei parecer que existe um refúgio: ficar em casa. Mas não. As casas dos artistas de Hollywood são constantemente devassadas pelos colegas de trabalho, a propósito de mil e um motivos e razões. Mesmo a vida íntima não possui intimidade nenhuma.

Eis uma das razões por que os actores de Hollywood batem o «record» mundial dos divórcios.

Enfim: Hollywood, com a sua vida aparentemente alente, é uma cidade deliciosamente indesejável.

Viver sim... mas não ali.

EDDIE CANTOR, NA FOX?

A «Cinematographie Française», no seu último número, faz-se eco dum boato, segundo o qual Eddie Cantor deixaria Samuel Goldwyn, para passar a figurar sob a bandeira da 20th Century-Fox.

No entanto, nada nos leva a crer que o famoso «Toureiro à força» abandone a firma para a qual sempre tem trabalhado, e sob os auspícios da qual tantos êxitos tem alcançado.

O ÊXITO DE SIMONE SIMON

Simone Simon, cujos inícios, em Hollywood, foram extremamente famosos, acaba de alcançar um êxito triunfal com *Girl Dormitory*, que se exibiu no «Chineuse Grauman», da Cinelândia.

Os críticos louvaram o talento e a beleza da jovem estrelinha francesa, que, no final do filme, foi chamada ao palco, pelo público, que lhe fez uma extraordinária ovação. David W. Griffith felicitou-a pessoalmente, depois da «premiere», no Trocadero. A Fox está fazendo em redor da sua vedeta, uma campanha publicitária formidável.

«MIGUEL STROGOFF», FEITO NA AMÉRICA

A R. K. O. acaba de assinar um acordo com J. N. Ermolieff, produtor do filme francês *Miguel Strogoff*, para cedência de direitos do mesmo filme, que vai ser realizado na América, dentro de breves dias.

AINDA A PROPOSITO DO RECRUTAMENTO DE INTERPRETES PARA OS FILMES NACIONAIS

O problema do recrutamento de intérpretes para os filmes nacionais, agitado nas colunas desta revista, pelo nosso camarada de redacção Aníbal Nazaré, provocou uma verdadeira catadupa de cartas, que caiu sobre a nossa mesa de trabalho — e que veio demonstrar de forma evidente o interesse com que os rapazes e raparigas da nossa terra olham o cinema nacional. Entre lúdas as cartas, respigamos esta, do sr. Lindoro Mário Fragoso de Almeida, da qual transcrevemos parte, que damos a seguir, e que merece ficar arquivada como o desabafo dum interessado, que sabe fundamentar com argumentos de peso as razões do seu descontentamento, pela forma como se tem «resolvido», na nossa terra, o magno problema do recrutamento de intérpretes para os filmes portugueses.

Tem a palavra o nosso leitor:

Ora, escrevo no número 39 de Cine-Jornal, *sejuro erro*, o sr. Aníbal Nazaré: «Indiscutivelmente não de existir no nosso país, e fora das fileiras dos artistas de teatro, pessoas com habilidade para o Cinema». Aqui, parece-me oportuno fazer, ao sr. Aníbal Nazaré, as seguintes perguntas:

«Com concursos como os que se têm feito, que se consegue descobrir as «habilidades» que cá existem? Se e, podemos limpar as mãos à parte...»

«Para que serve a publicidade extraída às gotas dos jornais estrangeiros, e descabidamente injectadas nos nossos periódicos, dizendo que o realizador X andou três dias de carro eléctrico, através dum senhor pseudo-cinefita, supondo ser a figura ideal para primeira interprete dum seu passado filme, e que só ao fim daquele tempo viu ser côza?»

«Para que serviu a «crueldade» de se incutir no espírito dum(a) empregada de escritório a ideia de ser a Clara das Pupilas?»

«Para que serviu o estardalhaço feito com uma artista dum filme em realização, para só depois dela ter assinado o contrato se ver que não tinha possibilidades para desempenhar o papel que primitivamente se lhe atribuiu?»

«Qual o fim que os jornais visavam em por Maria Paula nos pincuros da Lua antes de nos apresentarem o seu trabalho?»

No nosso País, não se fará nada pró-principiante, enquanto não aparecer uma pessoa, ou pessoas, que alem de abundância monetária à abundância de ideias aproveitáveis... Dentre nós, temos competentes realizadores, engenheiro de som, etc., etc., etc., mas faltam-nos alguém que queira abonar o suficiente, para se poder organizar qualquer coisa a favor daqueles que têm vontade de se dedicar à sétima arte, mas que não podem por desconhecermos quem os ajude.

Sim, temos muita gente que gostava de prestar as suas provas para «cinéfilos» — como dizem esses casquilhos pretenciosos que povoam as nossas ruas, esses patetas, que discutem cinema com a mesma superficialidade com que apreciam a gravata amarela que o «meniu» do lado usa, esses cretinos que não compreendem que o cinema é a arte máxima do século XX. Uns com geito, vontade, mas acanhamento; outros, sem uma coisa nem outra, mas (passe o termo) com uma «grande lata» — todos, mas todos, com desejo quanto mais não seja, de prestar as suas provas. Em um, dez, cem ou mil, não se aproveitariam dois ou três? Aproveitavam-se sim! O que não há, é quem os queira e saiba escolher.

Pergunta mais o sr. Aníbal Nazaré ao sr. Patrício Álvares (desculpem a ousadia de me meter onde não sou chamado): «Quais foram os artistas portugueses que, depois de revelarem possibilidades de triunfar, se viram excluídos, para sempre, do elenco de qualquer outro filme?» Que me ocorra, lenho

quatro, três de teatro e um principiante (acho convenientemente esclarecer que os não conheço pessoalmente): Dina Teresa, Leonor de Eça, Alfredo Silva e Eduardo Fernandes.

Dina Teresa, na Severa, quanto a mim, é, tu muito bem.

Leonor de Eça, no meu fraco entender, revelou-se nas Pupilas do sr. Reitor dum(a) maneira notável.

Alfredo Silva, no seu sapateiro da Canção de Lisboa, tinha uma óptima criação burlesca, sem ser exagerada.

E por último Eduardo Fernandes, o Quincas, que marcou a sua pequena aclamação dum(a) maneira muito aproveitável no futuro.

Já vê o sr. Aníbal Nazaré, que quatro já é um número convincente, e que entre eles figura um principiante...

Existe numa empresa de distribuição de filmes, um arquivo de retratos e mais indicações de várias pessoas que pretendem ser «cinéfilos» (?), mas isso não passa dum(a) espécie de «galeria de criminosos célebres», pois não tem utilidade para nada. Numa das últimas filmagens em que foi preciso figurar, quanto mais não fosse por um descargo de consciência, podiam ter pôsto no anúncio que publicaram «que as pessoas inscritas na tal «bureau» teriam preferência na admissão», muito embora tal não sucedesse... Não fazia mal a ninguém e esse núcleo de «infelizes» a que tenho a honra de pertencer, ficaria muito contente... Mas como não querem saber fazer as coisas...
De V., etc., Lindoro M. Fragoso de Almeida.



Evalyn Laye, artista e bailarina

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 45 — 24 DE AGOSTO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



TYRONE POWER, Jr.

“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA